

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e imp. na tip. de F. Marinho — Barcelos

Redacção e administração:

Campo de S. José, 91

ADMINISTRADOR,

Manoel da Silva Matos

ASSINATURAS:

Trimestre (correio) 330—Semestre 572—Ano 1344—Avulso 303

ANÚNCIOS:

Cada linha 303—Repetição 302

Órgão do Partido Republicano Democrático

DIRECTOR E EDITOR—Antonio H. Marques d'Alzavedo

ORIENTAÇÃO REPUBLICANA

Se o Parlamento não encerrar hoje os trabalhos da actual legislatura, o que é provavel, encerrá-los-á em breves dias. Pode já, por consequencia, fazer-se o balanço, bem triste balanço! dos trabalhos parlamentares, dado que as ultimas horas serão simplesmente applicadas a votar projectulos sem importancia alguma.

Com a franqueza que nos caracteriza e aprendemos a amar e a manter nos velhos combates do Partido Republicano Português, quando acima dos interesses pessoais se collocavam intransigentemente os principios, devemos dizer que a sessão legislativa não correspondeu ao que o país tinha o direito a esperar. Os *ralliés*, consciente e criminosamente ou inconscientemente e estupidamente, passaram os dias fazendo obstruccionismo, querendo apenas que passassem os projetos em que se encontravam interessados, sem respeito nenhum pelo país, talvez em virtude dos vicios da educação... monarchica. E' que isto de ser-se republicano não é para quem quer. E' para quem pode. Um individuo dizer-se republicano e ser no intimo da sua consciencia monarchica, é facilissimo. Dificil é ter alma republicana, ter o culto dos principios republicanos, amar o povo sempre atravez de tudo, com sacrificio por vezes mas com uma illimitada paixão, proceder em todos os atos da vida individual e social como republicano, realizando a trilogia bendita da *Liberdade, Igual-*

dade e Fraternidade.

Os que jámais leram e sentiram os evangelhos da Democracia mal podem compreender a grandesa dos principios e servem indiferentemente a monarchia ou a Republica, contanto que satisficam os seus appetites pessoais. Foram esses republicanos de moeda fraca que perderam a Republica francesa de 1848, tornando possivel o golpe do bandido Luis Bonaparte; foram eles que permitiram o batuque monarchico por occasião da questão Dreifus, foram eles que provocaram pelos seus erros, pelas suas ambições, pela sua falta de fé republicana, a queda tristissima da Republica espanhola.

Gente sem paixão, sem doutrinação democrática, no momento dos sacrificios desaparece, deixando no meio das ruinas que ella propria fez os velhos soldados do ideal, os que recordam saudosamente os primeiros dias de propaganda, os lances arriscados, as horas da derrota que fecundava novas inergias, os companheiros mortos pela causa, a alegria da perseguição pela idéa, os juramentos de fidelidade, o esquecimento de si proprio para só pensarem na Republica, amada com ardor como uma amante, carinhosamente respeitada como mãe afetuosa. Enfermam desse mal as sociedades. Bandos de arrivistas assaltam-nas, como as moscas assaltam uma cabeça de peixe lançada á rua. E sao esses bandos que

desacreditam a Republica, arrastando-a por tortuosos caminhos. Ai de nós! Como é difficil ser perfeitamente republicano na espirital beleza dessa palavra...

Mas vinhamos dizendo que a sessão legislativa prestes a encerrar os seus trabalhos foi pouco menos do que infrutifera, apesar da dedicacão dos *velhos* republicanos. Para isso não pouco contribuiu a ausencia forçada do grande republicano e eminente estadista que é o sr. dr. Afonso Costa. A doença, infelizmente, afastou-o da Camara, e a falta desse homem de tão extraordinarias qualidades de talento, de energia, de atividade e de republicanismo, sentiu-se profundamente, com prejuizo para o prestigio da Republica e para o bem estar do país. Ainda se ao menos todos se concertassem para continuar a vastissima obra que o desastre brutal interrompeu... Mas não. Esquecendo que o dr. Afonso Costa, cujas convicções republicanas, democraticas, são inexcediveis, procurou realizar a obra da democratização da sociedade portuguesa, realizando a mais absoluta moralidade e economia nas finanças e procurando servir, em quanto nas suas forças coube, os interesses populares, alguns deputados cujos nomes são estranhos para a grande massa do partido faziam absolutamente o contrario.

Foi um espetáculo triste, que na Camara dos deputados chegou á desobediencia a outro gran-

de republicano, naturalmente *leader* do grupo—o dr. Alexandre Braga. Foi dado um exemplo de indisciplina que desagradou ao povo republicano, o qual, a continuar-se assim, terá de chamar á ordem os que tentarem perturbar a harmonia que deve ser o timbre do Partido Republicano. Essa, indisciplina, diga-se toda a verdade, chegou a ponto de nem se respeitar o estado de saude do dr. Afonso Costa que, afinal, embora não eleito, é, pelo consenso unanime dos partidarios, o chefe do partido, o brilhante marechal que conduzirá o nosso exercito á victoria, o que equivale dizer—á victoria da Democracia.

Que, em abono da verdade, ele tambem tem culpa: a culpa da sua generosa benevolencia, sancionando com o prestigio do seu nome a eleição de alguns candidatos que o

partido não conhece ou não deram provas de firme republicanismo. Faltam na Camara muitos dos *velhos* republicanos que dirétamente vivem com as classes populares, que amam a Republica e acima das suas conveniencias pessoais collocam os interesses da coletividade. O proximo Congresso do partido deve occupar-se desse assunto. Vai nisso a sua propria dignidade. Partido honrado, partido de sacrificio, partido de heroismos, não pode permitir que *vi-veurs* recémvindos á sua organização o dominem ou empalmem as suas tradições. E' preciso nesse Congresso pedir-lhes responsabilidades e para isso se concluirão todos os *velhos* republicanos, os que podem apresentar com orgulho as suas listas de serviços. E' uma obra a realizar para o prestigio do partido—e da Republica.

De «O Povo».

PARA OS ADVERSARIOS DA REPUBLICA

Os ultimos vinte anos de monarchia
descritos e comentados por um monarchico

Emquanto um partido estava no poder o outro governava no Credito Predial.—O rei era o simbolo vivo duma nação que dia a dia mais se corrompia.—Portugal jazia na lama; a revolução limpou-o, ergueu-o, impo-lo num arranco

Ha dois dias o «Jornal da Noite», de que é director o sr. Rocha Martins, inseria esta frase no seu editorial: «Destruir a Republica deve ser o fim de todos os patriotas!» O sr. Rocha Martins é monarchico, diz-se pelo meno monarchico, e não é difficil concluir que ele pretende a destruição da Republica para restaurar a monarchia. Ora para que os «patriotas» para quem o sr. Martins faz o seu apelo de destruição saibam o que da

monarchia, que ele quer restaurar, pensa o mesmo senhor e o que em abono da Republica, que ele quer destruir, o mesmissimo cavalheiro disse, vamos aqui transcrever algumas passagens dum succulento e substancioso artigo assinado pelo actual e monarchissimo director do «Jornal da Noite», artigo que foi publicado no Almanaque Palhares para 1911.

Começa o artigo em questao por descrever a excitação

da opinião publica em seguida ao ultimatum, fazendo depois a historia da revolução do 31 de janeiro e do seu malogro; mas onde as opiniões e as frases do sr. Martins começam a interessar é no período que segue a revolução do Porto e vai até 5 de outubro. Cedamos a palavra ao sr. Rocha Martins:

Decorreram vinte anos. A derrota parecia ter feito calar todas as bocas, roubar o vigor a todos os corações. Os homens que se tinham batido pela Republica estavam no cativo africano. Leitão e Coelho. Chagas e Verdial, os sargentos e cúmplices da revolta, pagavam caro a insubmissão. Emudecera-se. A lei das rollas applicava-se á imprensa e ás consciências; as bocas sufocavam gritos; todos começavam a recear o vizinho e a sociedade portuguesa apresentou nesse largo período o aspeto corrupto de todas as épocas de dissolução.

Não se debatiam causas, mas interesses. Os altos politicos davam as mãos para um regabofe constante em que sempre havia que distribuir. Enquanto um partido estava no poder, o outro governava no Credito Predial e desta forma, tapando uns as chagas dos outros, calavam-se todos os tripudios. O mar de lama aumentava; ia formar-se o atoleiro monstruoso.

Os homens de real valor, deante da caterva que se via subir, dos insignificantes que acaudilhavam os ministros, em frente d'estes mesmos, afastavam-se enojados. Viu-se então, como no tempo de D. Maria I, chamar verdadeiras nulidades para dirigirem a nação. O Parlamento foi durante muito tempo como um circo onde os presidentes do conselho pareciam vestidos nos trajes excéntricos de Walter em vez de estarem metidos nas suas fardas bordadas. Não apparecia um vislumbre de talento; cometiam-se as mais completas irregularidades e a gramatica dos proceres era tão irregular como as suas ações. Mentira constitucional mais completa não se viu em parte alguma; dirigentes mais ineptos nunca existiram. O bando bacharelado de politiquetes rojava-se aos pés do poder, esperando tambem lá chegar e sobre tudo isto o rei era o simbolo vivo duma nação que dia adia mais se corrompia. Era o responsavel apesar da sua irresponsabilidade. Deu-se então a tragedia de 1 de fevereiro: um mar de sangue real derramado em holocausto á liberdade.

Ficou o filho mais novo, essa criança, a quem se vestiu numa tarda de generalissimo, á frente da nação e em vol-

ta dela os mesmos politicos ineptos os mesmos ambiciosos vulgares. Os homens que não sabiam dirigir as suas casas buscavam dirigir a nação.

Avançava para demais a reação religiosa, que sempre se afirma nas sociedades em decomposição como sobre os corpos putrefactos se lançam os abutres. Desde o tempo de D. Miguel, rei do absolutismo, que não se viam tamanhas audacias.

O clero saía á rua a combater; falava alto nos seus jornais como se soubesse ter na rétraguada uma legião. Era o jesuita que o acompanhava na sombra. Bispos zombavam do poder civil; clérigos clamavam contra os governos constituídos e no meio de tudo isto o partido republicano unido e disciplinado ia fazendo a sua ativa propaganda, ia levando aos corações a certeza de que havia ainda um futuro a tentar e aos cerebros a idéa precisa de se tornar necessaria uma rebelião. A Republica tornava-se querida; os seus homens eram como idolos. A sociedade monarchica não via esse avançar de legião. Era a cegueira da estupidez que a atacava e a monarchia pagaria com a sua queda a casta de servidores que escolhera. A crença num futuro melhor dentro das instituições morrerá; nas successivas subidas de ministerios via-se apenas a serie dos imbecis atafalhados em honrarias, e o país indignado via todo esse final de feira aperrando as carabinas com que devia acabar.

Ao cabo de algum tempo as gargalhadas que se soltavam deante das imbecilidades governativas soavam cavamente como ameaças e a dissolução avançava com os bancarrotes tornados senhores supremos, com amigos feitos traficantes, com a sombra do poder cobrindo todas as ignobéis cousas que se deviam esconder nas celulas penitenciarias mas que se acolhiam na sombra do trono oscilante.

Quando se falava em Republica a sociedade monarchica, cheia, feliz, refastelada nas cadeiras do poder, ria mais alegremente, sentindo ainda que o banquete lauto duraria ainda algumas gerações.

Mas uma grande rede de

conspirações se estabelecera. Os governadores dormiam á solta, contando com as baionetas, enquanto ellas iam sendo aliciadas pela carbonaria; metiam-se na conjura os homens do povo, os pobres operarios dos varios bairros da cidade e iam cheios de fé realizar a obra de demolição. No exercito havia a descrença; a maioria dos officiais, sem o treino das batalhas, vivendo amanuensados numa epoca de paz, sendo pouco afeitos aos encontros sangrentos, contavam com a disciplina; os soldados, porém, recebiam a propaganda dos sargentos e sonhavam em sair para fazerem alguma coisa de novo. O directorio republicano, as comissões especiais, a carbonaria, as juntas revolucionarias trabalhavam ativamente e a marinha, suspeita de republicana desde ha muito, propunha-se a derimir a questão.

Dias antes, no Bussaco, o rei julgava ter conquistado o exercito com esse arremêdo de parada, com a sua vosita fraca a querer altear-se num discurso. A resposta teve-a naquele naquele vozear rijo e ativo dos canhões que, rompendo as paredes do paço real, o avisava de que o exercito ficára pensando a seu respeito.

Segue-se uma descrição rapida dos primeiros acontecimentos revolucionarios e logo o sr. Rocha Martins ataca o episodio da fuga do rei:

No paço o rei entre a sua reduzida cõrte, tendo deixado num fauteuil a farda de generalissimo, ouvia os conselhos que lhe davam, essa fuga que ficou na historia como o movimento logico do descendente de D. João VI, a quem não se exigia valentia, heroismos, mas o sacrificio de vida que todos fazem pelo seu ideal. Era a fuga que lhe aconselharam e o rei fugiu. Em volta faltavam os generais, os grandes, os militares, aqueles que assistiam aos bailes, ás festas, ás recepções com os peitos estrelados de condecorações. Faltavam ali e nas ruas á frente dos soldados.

Vem depois uma descrição pormenorizada da revolução que terminou pelo triunfo da Republica, o delirio da população nas ruas, a «Portuguesa» ecoando vibrante. E novamente o sr. Rocha Martins volta á carga:

No mesmo dia a familia real embarcava na Ericeira. O rei nem sequer lançou um ultimo olhar para as ribas que pareciam separa-lo para sempre do res-

to do seu pais, da sua terra, do lugar onde nasceu e se fizera homem. O «Amelia» levava-o barra fóra e então nessa travessia até Gibraltar o soberano depois devia re-apitular o seu agitado reinado de dois anos.

Toda a mediocracia dos seus politicos, dos seus generais, dos seus cortezãos lhe devia lembrar. Eles tinham-lhe sorrido, tinham-se dobrado, tinham feito curvaturas exageradas de respeito deante da sua figura simbolica e o rei julgava tudo aquilo merecido e emanado da sua pessoa, a quem na hora do perigo abandonaram. E esse abandono, sendo pouco airoso aos olhos da Historia, teve o alto merecimento de não fazer correr rios de sangue.

Portugal jazia na lama; a revolução limpou-o, ergueu-o, impô-lo num arranco, chegando-se á realização do gesto euergico que Antonio José de Almeida esboçára ao dizer no Parlamento, quando o expulsavam:

«—Soldados! Com a minha voz e as vossas baionetas formaremos uma patria nova.»

E' a Patria nova que vai formar-se, construida pela audacia dum punhado de bravos, pelos desejos de todos, pelo espirito coletivo ansioso de libertação e dum largo futuro.

A monarchia desmoronou-se: os seus servidores de ontem estão hoje diante da Republica e o rei exilado deve recordar-se que ha anos quando da morte de seu pai e seu irmão, alguém, descrevendo-lhe a camarilha politica que o rodeava, a gente que o servia nos ministerios, marcando toda essa tragedia, concluiu por escrever:

«Isto é uma lição de historia que serve muito mais para os principes do que para os povos.»

O principe não quiz ouvir e dignamente, ou sadamente, o povo libertou-se ao brado unisono de:

—Viva a Republica!

Rocha Martins.

A AGUA EM BARCELLOS

... Sr. Redactor da «Era Nova»

Os meus agradecimentos pela boa guarida no seu pequeno mas acreditado jornal, ás ligeiras considerações que ha tempos fiz sob aquela epigraphe.

Ainda como preambulo necessario devo dizer aos estimaveis leitores do seu jornal que não venho da parte da antiga empresa das aguas, não sou pago, pedido ou inspirado por ella.

Móve-me só a utilidade do publico e a justiça; não posso ouvir e acreditar todo o que certa gente prega, na lucta pela vida, talvez, mas nem sempre com a imparcialidade e correcção precisas.

Pelo menos eu hei-de dizer a verdade.

O que mais me fez pasmar foram as informações que em fonte fidedigna pude colher, depois que, ainda na ignorancia dos passos e procedimento da camara, fiz algumas considerações sobre o assumpto, procurando só a utilidade do publico. Terminava-as até por estas palavras: Se a camara já municipalizou as aguas dos antigos fornecedores, não deve augmentar os velhos preços aos municipaes.

Soube que não municipalizou, nem entendimento algum teve com aquelles! E qual sera a maior utilidade municipal e o maior bem do publico? Sem duvida a municipalisação, que cabe na letra do contracto, em condições rasoaveis, com o augmento da agua de modo a satisfazer em absoluto as tão apregoadas necessidades. Mas poderá desculpar a camara a abundancia d'agua de que dispõe e o exiguo preço dos materiaes empregados em depósitos e conduções? De modo algum.

A camara não tem mais agua do que a antiga empresa, é voz corrente em Barcellos, na gente imparcial. Os materiaes toda a gente sabe que estão pelo dobro do preço. O que é que levou pois a camara a proceder incorrectamente para com uma empresa tão generosa para Barcellos e desastrosamente para os interesses municipaes?

Dizem uns que a vaidade e outros que a politica. Não comprehendendo nem uma nem outra; só vejo o bem do publico e a camara tinha obrigação de só ao mesmo attender. E não attendeu.

A agua não fica mais barata porque, segundo o contrato, a camara não pode levar um preço inferior ao da antiga empresa.

A agua não será em maior abundancia porque a camara não a tem e muito mal ficaria o publico se a antiga empresa retirasse a sua.

A camara nada lucrrou com o seu procedimento porque pode ficar com a antiga empresa como concorrente.

Se a minha voz fosse aos ouvidos dos proprietarios da empresa Borges, dir-lhes-hia: Vendam as suas aguas a uma empresa estrangeira, mas que não seja de Senhoras, e o estenderete da camara é completo.

Para que se sobrecarregou pois a camara com uma divida escusada, que o povo tem de pagar, sem beneficio seu?

Ainda não atinei com o X do problema mas labor omnia vincit, tudo se hade saber com um bocadinho de trabalho.

Um assignante

Domingos de Figueiredo
ADVOCADO

Escriptorio: Rua Direita

Reportagem semanal

Alberto Araujo

Acompanhado de sua ex.^{ma} e bondosa esposa, seguiu na passada terça-feira para o Porto, devendo ter embarcado ontem em Leixões, com destino ao Pará, o velho e dedicado republicano e nosso muito querido amigo sr. Alberto Pereira de Araujo, que àquella cidade brasileira vai unicamente para regularizar os haveres que lá possui.

Foi grande o numero de barcelenses que accorreu à gare do caminho de ferro a apresentar as suas despedidas ao nosso querido amigo, desejando-lhe, como nós do coração lhe desejamos, assim como à sua estremosa companheira, uma viagem feliz e rápido regresso.

Entre outras pessoas de quem não pudemos colher os nomes, lembra-nos ter visto na gare da estação do caminho de ferro, na sua despedida de terça-feira, as seguintes:

José Casimiro Alves Monteiro, dr. Domingos de Figueiredo, José Maria da Silva, Carlos Maria Vieira Ramos, Placido Lamela, João Pacheco Leite, P.^o Manoel Vila Chã Esteves, Antonio Martins Macedo Lima, Artur Tavares, Arnaldo Azevedo, Antonio Boriz Azevedo, João Candido da Silva, João Freitas, Antonio Carvalho, Eliseu Azevedo, Manoel Nunes Pereira, Amadeu Mourão, Manoel Ferreira, Fernando Marihuo, João Martins, Porfírio Santos, Domingos Alves, Teofilo Martins, Francisco José Fernandes, Joaquim Antonio Pereira, Manoel Passos e ex.^{ma} esposa, João Passos, Adolfo Cibrão, Manoel da Silva Mutos, Artur Cardoso, João Pinto, José de Barros, Adelino e Gonçalo de Barros e Souza Botelho, José Vieira Veloso, Joaquim de Araujo, Rodrigo Machado e Hilario Barreiros.

Falida ?

A camara deste concelho ainda não pagou aos empregados da administração os vencimentos do mez passado. Por não ter dinheiro? Vamos averiguar e depois diremos.

Externato Academico

Reabre, no proximo outubro, este prestante estabelecimento de ensino secundario. Nos dois anos de vida que já conta, os serviços que elle tem prestado a Barcelos são de tal ordem que não podemos deixar de aplaudir calorosamente o impulso e a orientação que lhe tem imprimido os seus dignos directores e professores cuja boa vontade só é excedida pela sua intelligencia e honestidade. As provas do ano lectivo fludo são um belo incentivo para as familias dos alunos que lhe tem sido confiados. Não podiam ser mais lisonjeiras: sem uma só reprovação, obtiveram 8 aprovações nas tres primeiras classes do Liceus, entre as quaes sobresaram distincções merecidissimas. Sabemos tambem que alguns melhoramentos mais se

iniciarão no novo ano lectivo. Não hesitamos, portanto, em aconselhar a todas familias de academicos a preferencia que, tanto pelas vantagens de educação junto do lar domestico, como pela proficiencia dos professores e até por economia, deve ser dada a tão valioso estabelecimento de instrução e que tão bem vae preenchendo uma grande lacuna que ha muito havia na nossa terra.

A' camara

Pede-se para mandar limpar as ruas e largos desta vila que se veem em estado deploravel, assim como mandar roçar as silvas e ervas que na Avenida 11 de Fevereiro existe a ponto de em alguns lugares não se poder passar.

Em beneficio

No teatro Gil Vicente, deve realizar-se, no proximo domingo, uma interessante sessão cinematografica, em beneficio do motorista, bilheteiro e chefe dos porteiros. O programa que a seguir publicamos é assaz atrahente.

Não só por isso, mas pelo simpatico fim a que o espectáculo visa e mesmo porque o publico já ha muito não gosa semelhante diversão, prevemos uma casa á cunha, e isso desejamos aos beneficiados.

Programa: 1.^o—Encantador de serpentes, natural. 2.^o—Historia accusadora, comica. 3.^o—Consciencia de bandido, drama. 4.^o 5.^o e 6.^o—Black Jack e o Roubo do Colar, em 3 partes. 7.^o—Moeda de chumbo, comica. 8.^o—Porte Bonheur, comica.

Romaria das Necessidades

Esteve muito concorrida e animada a grande romaria das Necessidades, na freguezia de Barqueiros, deste concelho, que se realisou na terça feira de noite, fazendo os romeiros a sua debandada depois da missa celebrada ao amanhecer, na sacada do Templo.

No vasto arraial, onde apareceram tipos e cousas curiosas, para quem se dedica ao estudo da etnografia, tocou a banda dos nossos Bombeiros Voluntarios.

Abalo de terra

No domingo pelas 14 horas sentiu-se um ligeiro abalo de terra, de que, felizmente, não deixou vestigios da sua passagem.

Escola de repetição

Ontem pelas 16 horas deu entrada nesta vila o batalhão de infantaria 3 que vinha na sua marcha de escola de repetição, aquartelando-se no edificio dos Sagrados Corações.

Hoje ás 6 da manhã seguiram para Viana fundando os seus exercicios.

Esperava-se que a banda marcial tocasse ontem no jardim das 21 ás 23, mas não nos deu o prazer de ser ouvida e apreciada, pelo cansaço dos musicos.

Comissario de policia de Braga

Foi publicado um decreto validando, para todos os efeitos, o de 12 de junho ultimo, que reintegro o nosso querido amigo e director sr. Antonio Albino Marques de Azevedo no lugar de comissario de policia civil de Braga, e mandando que sejam pagos a este funcionario todos os vencimentos que lhe são devidos desde 5 de março ultimo, data da sua exoneração, os quaes não foram abonados a nenhum outro cidadão que, porventura exercera aquelas funções desde 5 de março a 12 de junho.

Cumprimentamos efusivamente o nosso querido amigo por lhe ser feita inteira justiça, porque a sua exoneração foi completamente abusiva, pois não havia o menor motivo que tal determinasse.

Pela sociedade

Da Povoia de Varzim regressaram os srs. dr. Mattos Graça, illustre clinico; Luiz Fonseca, considerado amanuense da Camara; Joaquim Araujo, socio da acreditada firma Thomaz José de Araujo & C.^o; Manoel Ramos de Paula, abastado proprietario, e suas familias.

—Da Curia regressou o sr. dr. José Ramos, douto advogado e notario.

—Para o Porto partiu o sr. João Ramos, zeloso gerente do Banco de Barcelos.

—Está na Povoia de Varzim o sr. Francisco Ferreira Vale Junior, illustre professor official em Manhente.

—Na mesma praia encontram-se as familias dos srs. Manoel de Faria, activo solicitador; Miguel Martinho de Faria, digno cartorario da Misericordia e agente de casas bancarias, e Avelino Ayres Duarte, farmaceutico do Hospital.

—De visita a seu filho e irmão snr. José de Figueiredo, estiveram no Porto os srs. Domingos de Figueiredo e esposa e dr. Domingos d'Azevedo Figueiredo.

—Estão na Apulia os srs. dr. Porfírio Antonio da Silva e Julio da Rocha Diniz, illustrados escrivães de direito.

—Tambem ali passou alguns dias o sr. Miguel Martinho de Faria.

—De visita a sua familia está nesta vila a sr.^a D. Tereza da Cunha Sotto Maior.

—Partiu para o Porto a sr.^a D. Maria Amelia Teixeira, sobrinha do nosso illustre amigo snr. Secundino Pereira Esteves.

—Chegou de Lisboa o nosso distincto amigo, talentoso advogado e illustre senador do Congresso da Republica sr. dr. Augusto Monteiro.

—Foi passar alguns dias á Povoia de Varzim o nosso querido amigo e companheiro de redação sr. dr. Domingos de Figueiredo.

—Esteve nesta vila no passado domingo o nosso dilecto amigo sr. Antonio Albino Marques de Azevedo, muito digno comissario da policia civil de Braga e administrador daquele concelho.

—Da Povoia de Varzim, a-

onde estiveram hospedadas em casa da illustre familia Placido Ferreira, regressaram a sua casa a Barcelinhos, as ex.^{mas} irmãs do nosso correligionario sr. Francisco Paulados Santos.

Barcelinhos, 8

A' Ex.^{ma} Camara

Tratamos a camara por excellencia a ver se assim conseguimos a attenção ás nossas justas reclamações, pois bem descontentes estão já os Barcelinenses ao apreciarem a forma como a ex.^{ma} camara olha pelos interesses de esta linda povoação que encanta todo o visitante.

Já n'este conceituado semanario chamamos a attenção do sr. vereador competente para o desperdicio de agua que constantemente se está a dar no unico fontenario que existe em Barcelinhos.

Agora, é a agua que de noite se acumula no deposito escapando-se quasi toda pela escada que fadela o mesmo fontenario, ameaçando ainda desmononar o muro junto a essa escada, se o sr. vereador competente não se dignar providenciar.

—Estão a seccar as arvores que foram plantadas em frente á casa do sr. dr. Antonio Ferraz, em substituição d'aquellas outras frescas e encantadoras arvores que tanto asseavam o Largo do Tanque, ou antes, aquella agradável alameda que lhe fica junto. Se é devido á secca, falta saber se existe effectivamente o esquecimento de todos em as regar, ou se convem que ellas desapareçam por algum motivo.

—De vez em quando ouve-se uma chiada infernal e ensurdecidora causada pelos carros de bois durante a sua passagem nas ruas de Barcelinhos. Não é um mal que oCodigo de Posturas tão bem remedeia? E; mas infelizmente em Barcellos chegon-se a um estado tal de desmoralisação, a uma falta de respeito por tudo que cheira a autoridade, que o povinho d'aldeia toma já um zelador municipal por um manequim com farda vestida.

Desculpem-me os srs. zeladores se acaso os offendo no seu brio; mas quem são os culpados? os seus superiores que lhes tiram toda a força, toda a autoridade.

—Para o proximo n.^o da «Era Nova» referir-me-hei a outros casos que reclamam providencias energicas e immediatas.—G.

Bernardino R. de Souza

Solicitador encartado

Campos da Feira, 57-BARCELOS

ANNUNCIOS

Convocação

De conformidade com o preceituado no § 1.^o do artigo 11 do estatuto da irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz, d'esta villa,—são convidados todos os irmãos d'esta irmandade, a comparecerem no seu templo no dia 15 d'este corrente mez, por 10 horas da manhã, para discussão e approvação do relatorio e contas, relativas ao anno economico findo, bem como do parecer da commissão revisora de contas.

Dado o caso que n'aquelle dia não reuna numero legal de irmãos para a constituição d'assemblêa geral, fica então esta desde já marcada para o dia 22 d'este mesmo mez e á mesma hora e no mesmo local, funcionando com qualquer numero que compareça.

Barcellos, 6 de setembro de 1915.

O Provedor,

Manoel Ramos de Paula

O CAPOTE ALEMTEJANO

FEITO EM EVORA na

CASA ALEMTEJANA

de Bernardo J. Naia

2—Rua João de Deus—6

E' o mais comodo e mais barato que se pode oferecer para os srs. viajantes; e o agasalho mais perfeito e completo que se pode usar contra o frio e chuva.

Todos os capotes d'esta casa só são feitos com fazendas espezias e com ferros de lã serulo tudo molhado antes de se confeccionar o capote.



Tem bastante roda para viajar de cavalaria e são feitos sobre a direção de quem verdadeiramente ha muitos anos se deste assunto tem tratado. Aceita-se devolvido o capote que não for á vontade do freguez e envia-se com porte gratis o que for em troca do primeiro.

Enviam-se amostras na volta do correio a quem no-las pedir. Todos os pedidos podem ser dirigidos á CASA ALEMTEJANA de Bernardo J. Naia — Rua João de Deus, 2 a 6 — EVORA.

NOVIDADE SENSACIONAL

Rodolpho Matim

A CUERRA AEREA De Berlin a Bagdad

Tradução do capitão Moraes Rosa

1 volume de cerca de 250 paginas com uma capa allegorica a cores, preço 830.

PROVINCIA FRANCO DE PORTE

A' venda na «A EDITORA»—Largo do Conde Barão 50, Lisboa e em todas as livrarias.

PORTUGAL

IMPORTANTE COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada.—Capital Esc. 1.600:000\$.

Agente em Barcelos:

José Vieira Veloso

NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUGUESA

Redigido em harmonia com os modernos principios da sciencia da linguagem, e em que se contém quasi o dobro dos vocabulos até agora registados em todos os dictionarios portuguezes, além de satisfazer a todas as grafias legitimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquella que foi prescripta oficialmente em 1911.

NOVA EDIÇÃO

Essencialmente refundida, corrigida e ampliada com registro de mais 20:000 vocabulos aproximadamente

A 2.ª edição do «NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA» consta de 2 grossos volumes de cerca de 1:000 paginas cada um

A' venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de **A. M. Teixeira & Comandita**

Praça dos Restauradores, 29 — LISBOA

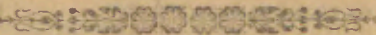
AS MULHERES DE BRONZE

Por **Xavier de Montépin**

Em publicação esta magnifica obra, composta de 3 pequenos volumes.

Concluida a sua publicação será distribuido um brinde a todos os assignantes, que constará de uma grande estampa colorida representando o Palacio de Crystal do Porto.

Assigna-se na casa editora Belem & C.ª Succesores—Rua do Marechal Saldanha, 16—Lisboa.



ESTÁ Á VENDA

Vinhos vinhas e prados

POR

A. Venancio Pacheco

Preço 600 reis.



NOVIDADE LITERARIA

NUN'ALVARES

e o sr. Dantas

Jonura d'um «Cardeal diabo»

Resposta historica ás acusações feitas pelo sr. Julio Dantas ao Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, por AUGUSTO FORJAZ.

Um volume, illustrado, 820. Em todas as livrarias. Pedidos á Livraria Ferin, 70 Rua Nova do Almada, 74—Lisboa.

ACABA DE APARECER

A' RODA DE PORTUGAL

por José Agostinho

1 vol. de 470 paginas. Preço br. 50 centavos, enc. 70.

«A Roda de Portugal» constará de 2 vol. de 470 paginas cada um. Está publicado o 1.º volume que é uma obra encantadora. «O Primeiro de Janeiro», disse o seguinte:

«A Roda de Portugal» é um livro para artistas e um livro para patriotas, um livro para eruditos e um livro para o povo. A linda terra portugueza, com os seus monumentos e com as suas paisagens, com os seus heroes e com as suas glorias, respaldada em cada pagina com um fulgor desusado entre nós, numa homenagem sobriamente romantizada, em que as personagens, fantasiadas dentro da maior verdade, vão derramando não só noções limpidas e rapidas sobre sciencias naturaes e principalmente sobre os melhores inventos modernos, como sobre hygiene, educação civica, moral, etc.

Ao mesmo tempo, o leitor é empolgado, a cada passo, por brilhantes e enternecidas descrições, e por um estilo, em geral cristalino e simples, embora tambem frequentemente colorido com um vigor de inolvidavel originalidade.

O seu autor pensou-o e sentiu-o de toda a sua alma, compatriota e como artista, conseguindo oferecer nele talvez a sua verdadeira obra prima, e valorisado, como nenhuma, pela mais elevada devoção ao tradiçào a seu o nacional.»

O LIVRE PENSAMENTO

A E. de Victoria Pereira

JULGAR DEUS

TRABALHO D'ALTA TRANSCENDENCIA FILOSOFICA

A verdadeade, a razão e a sciencia esmagando os preconceitos biblicos e os dogmas absurdos das religiões que tem dominado o mundo e entravado o progresso.

A luz illuminando uma era nova, libertando o espirito da mulher e da creança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

Titulos dos capitulos:—Divagando—Onde principia e onde acaba Deus—A preocupação da humanidade—A Biblia, a Historia e a Filosofia—A terra segundo os sabios—Os crimes do Deus Biblico—O diluvio dos hebreus—A Biblia é o livro mais imoral que ha—Julgamento do Deus da Guerra—Erecha-Jerichó—O Egito historico até ao exodo do povo de Moyses—Filosofando—Filosofando e continuando—Denses e religiões—Autos de fé, tormentos, morticínios e assassinios em nome do Deus cristão—A separação da igreja do Estado.

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado o illustre cidadão Dr. Afonso Costa, e é uma homenagem ao grande propagandista republicano Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portugueza, á Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

Um volume em 8.º brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado!!

Preço: 320, custo da edição. — A' venda em todas as livrarias.—Pedidos de assinaturas, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Jogo da Bola—Obidos.

A AGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIAS, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL

Director literario, Dr. Teixeira de Pascoais.—Director artistico, Antonio Carneiro.—Director scientifico, Dr. José de Magalhães.—Secretario da redacção, editor e administrador, Alvaro Pinto.

Córrespondentes:—Paris, Philéas Lebesgue.—Salamanca, Miguel de Unamuno.

Propriedade de «A Renascença Portuguesa»

PREÇOS (Pagamento adiantado) Portugal, aviso 510 Semestre, 550. Ano, 1800.—Africa e India, 512; 510 e 1520.—Espanha, 60 ct.; 3 pesetas e 6 pesetas. — Estrangeiro, 60 ct.; 3 francos e 6 francos.—Brasil, 530, 6500 e 6500 (fracos).

PREÇO dos annuncios (por publicação) 1 pagina, na capa 4500. Além do texto, 3000. — 1/2 pagina, 2520 e 1550. — 1/4 a pagina, 132 e 890

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia. A cobrança é á custa do assinante.

DEPOSITARIOS—No Porto—Livraria Chardron de Lelo & Irmao, Carmelitas; Em Coimbra, F. Franca & Armento Amado; Em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua Atrea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Bahia e Santos; na Africa, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na India, em Nova Goa.

Redacção e administração—R. da Alegria, 218, Porto.

Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27 Porto

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção.

TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO

DE

FERNANDO MARINHO

Premiado com medalha de prata na Exposição Agricola e Industrial de Barcellos de 1903

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 61 A 65 — BARCELLOS

Imprimem-se, com a maxima perfeição e rapidez, cartões de visita a 200, 240, 300, 360 e 400 reis o cento, bem como: rotulos a cores, circulares, facieras, envelopes, prospectos de varios formatos e gostos, programmas para festividades, jornaes, etc. Para cartões de visita manda-se mostruario de typos a casa do freguez.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não havendo n'esta villa comoctidor n'estes trabalhos. Livros de notas para tabelliães, em branco para commercio, contrarias e juntas de parochia, pastas, carteiras, etc., etc.